

A PRESENÇA DE AFRICANISMOS NA LÍNGUA PORTUGUESA DO BRASIL

Ana Paula Puzinato¹
Vanderici de Andrade Aguilera²

Resumo

Este estudo tem como objetivo conhecer como alguns lingüistas tratam a influência dos falares africanos no português do Brasil. Para isso, selecionaram-se autores como Amadeu Amaral, Serafim da Silva Neto, Antenor Nascentes e Mário Marroquim, para verificar como as palavras oriundas de línguas africanas foram tratadas em suas respectivas obras: *O dialeto caipira* (1920), *História da língua portuguesa* (1988), *O linguajar carioca* (1922) e *A língua do Nordeste* (1934). Para dimensionar essa abrangência, além das obras mencionadas, foram feitas pesquisas em cartas lingüísticas do Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB (Rossi: 1964) e no Atlas Lingüístico de Sergipe – ALSE (Ferreira *et alii*: 1987). Esses Atlas correspondem aos estados em que, de acordo com interesses da economia colonial, houve a maior distribuição de escravos africanos. Neste trabalho, propõe-se levantar os dados lingüísticos presentes em cada uma das cartas pesquisadas e fazer a análise e discussão das variantes de étimos africanos com base nos estudos acima referidos. Num segundo momento, busca-se verificar se a origem africana dos dados coletados é confirmada na obra de PESSOA (2001) e nos verbetes constantes de FERREIRA (1986) e HOUAISS (2004).

Palavras-chave: Africanismos, História, Atlas Lingüísticos, dicionários.

Abstract

Departing from researches from authors such as Amadeu Amaral, Serafim da Silva Neto, Antenor Nascentes and Mário Marroquim, in their respective works “O dialeto caipira” (1920), “História da língua portuguesa” (1970), “O linguajar carioca” (1922) and “A língua do nordeste”(1934), this study has as its aim to get to know how some linguists treat the influence of African speeches in Brazilian Portuguese. For bringing dimensions to such covering, besides the works mentioned above, researches were done in the linguistic sheets from the “Atlas Prévio dos Falares Baianos” (the Previous Atlas of Speeches in the state of Bahia) – APFB (Rossi: 1964) and from the “Atlas Lingüístico de Sergipe” (the Linguistic Atlas in the state of Sergipe) – ALSE (Ferreira *et alii*: 1987). These atlases correspond to the states that, according to interests in the colonial economy, there was a bigger distribution of African slaves. In this work, we propose to show linguistic data found in each investigated sheet and do an analysis and discuss the variants of African etymology based on the studies above referred. In a second moment, we search to verify if the African origin of the collected data is confirmed in the work of PESSOA (2001) and in the dictionary entries found in FERREIRA (1986) and HOUAISS (2004).

¹ Bolsista do UEL/Afroatidade, graduanda do curso de Letras.

² Orientadora, doutora em Letras, professora do Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas da UEL.

Keywords: Africanisms, History, Linguistic Atlases, dictionaries.

Introdução

No início do século XVI, os integrantes da frota portuguesa de exploração ao Atlântico, ao chegarem à costa brasileira se depararam com populações indígenas de várias nações, distribuídas ao longo de todo o litoral. Mais tarde, os colonizadores, ainda na primeira metade do século, voltando à terra descoberta, necessitavam de mão de obra para a extração da madeira, outras atividades agrícolas e para a busca das sonhadas riquezas minerais. Para isso, buscaram nos índios o trabalho escravo e a oportunidade de catequizá-los. No entanto, o índio era considerado mau trabalhador por ser nômade e ter dificuldades para se adaptar e se fixar na lavoura. Marroquim (1934, p. 28 e 29) cita que, nas *Memórias Históricas da Província de Pernambuco*, José Bernardo Fernandes Gama dá uma amostra do regime de trabalho do índio:

“Em quanto ao resto, os índios não alugavam jamais os seus braços por tempo ilimitado, porém, sim, por vinte dias, por exemplo... Antes mesmo de expirar seu contrato, exigiam os selvagens os seus salários, temendo não receberem coisa alguma, e quando eram pagos antes, deixavam não poucas vezes o trabalho sem o terminarem. Muitas vezes, tomavam a fuga para se subtraírem a toda espécie de jugo”

Diante dessa dificuldade, os colonizadores europeus recorreram à escravidão de negros importados da África. Com a vinda do negro, o que ocorreu em nosso país foi a incorporação de etnias na sociedade branca, principalmente no norte do país. Basta ver a descrição das tarefas exercidas pelo negro para perceber quão grande era a importância conferida a ele. O jesuíta Antonil, citado por Queiroz (1987, p. 26), expressou essa importância, no início do século XVIII, referindo-se à economia do

açúcar: Os escravos são as mãos e os pés do senhor de engenho, porque sem eles no Brasil não é possível conservar e aumentar fazendas, nem ter engenho corrente.

Criou-se, então, uma comunidade de negros, brancos e índios, o que acarretou numerosos fenômenos de aculturação (fatos que decorrem do contato dos homens que possuem culturas e línguas diferentes), pela qual cada indivíduo acaba absorvendo elementos culturais de seu meio, e daí ocorre, tipicamente, uma aprendizagem incidental, que pode envolver observação e imitação. A interferência lingüística é um dos aspectos da aculturação. O índio, elemento oriundo da terra onde se encontra, foi o primeiro a aprender o português. Mas foi quase simultânea a aprendizagem por eles e pelos negros, uma vez que este foi logo introduzido no contexto em que o índio se encontrava. Segundo Nascentes (1957, p. 132), João Ribeiro afirma que isso ocorreu por volta de 1532. Antes que houvesse esse aprendizado, por causa da necessidade de se comunicarem, surgiu uma linguagem de gente inculta, denominada crioulo, ou semicrioulo. Tanto os senhores como os escravos precisavam entender e se fazerem entendidos e, em razão disso, falavam de um modo deficiente, simplificado. Para Silva Neto (1988, p. 436), os “crioulos são falares de emergência, com caracteres definidos e vida própria, que consistem na deturpação e simplificação extrema de uma língua, quando imperfeitamente transmitida e aprendida por gente de civilização inferior”.

Embora concorde que houve o contato vivo entre negros e brancos, Silva Neto afirma que, graças à escola e à influência das altas classes, essa linguagem foi desaparecendo em benefício de uma linguagem culta e aperfeiçoada. Para esse lingüista, a influência africana, assim como outras, no português do Brasil, tem sempre sido exagerada, talvez pelo desejo de exaltar a riqueza do nosso vocabulário ou de

demonstrar a diferença que resultaria no reconhecimento de uma língua brasileira, uma vez que esta foi sempre comparada com o português de Portugal.

Essa língua sofreu modificações que envolveram não só a criação de expressões e termos novos, mas também alterações gramaticais para que uma se diferenciasse da outra. Podemos ter a comprovação disso ao analisarmos como os portugueses falam, e como nós, brasileiros, falamos. Além disso, há uma variedade de vocábulos sem a menor significação em Portugal. São termos toponímicos, geográficos, botânicos, zoológicos, meteorológicos, geológicos, mitológicos, agrícolas e pecuários, etnológicos, de navegação, de indústria, originários do tupi ou de outras línguas africanas, européias e asiáticas, e até inventadas pelo povo, “o único fabricante realmente autorizado de línguas, dicionários e gramáticas”.

Silva Neto defende que a influência africana se deu principalmente no contexto rural, que não pôde jamais ser grande na cidade, porque a situação econômica do negro, assim como sua origem e cor não o ligavam às classes mais prestigiadas da população. Sempre existiu no Brasil certo preconceito de cor ou de raça. Indivíduos de cor diferente da dos brancos foram sempre considerados inferiores. O que parece não ter existido, antigamente, era a aversão sexual do branco pelo negro ou índio, o que ajudou na interpenetração étnica, no cruzamento da língua. Essa junção de raças e meios sociais contribuiu para diversificar e diferenciar a língua portuguesa do Brasil daquela trazida pelo colonizador português. Outro fator que contribuiu para a nossa diferenciação dialetal foi a substituição do trabalho escravo pelo assalariado, afastando, então, o branco da convivência com a maioria da população negra.

Além dessa análise mais abrangente de Silva Neto, verifica-se que Amadeu Amaral (1920), em seu estudo sobre o falar caipira de São Paulo, parece dar pouca importância à influência dos africanos sobre a língua portuguesa, quando afirma: “A colaboração do negro, por mais estranha que o pareça, limitou-se à fonética: o que dele nos resta no vocabulário rústico são termos correntes no País inteiro e até em Portugal” (AMARAL, 1920, p. 64).

No campo fonético, o autor trata de dois fenômenos fonéticos, relatando que, assim como na pronúncia dos crioulos de Cabo Verde, da Guiné, nas Ilhas do Príncipe e de São Tomé, encontra-se nas áreas rurais a iotização do fonema / \diamond / (milho/mio, mulher/muié), isso porque os aloglotas (aqueles que têm que aprender uma língua que não é sua e falar do jeito que ouviu, sem a necessária preparação) - mouros, índios e negros - se mostraram incapazes de pronunciar o / \diamond /. Outro caso é a apócope do -s no final das palavras no plural (as menina, os cachorro), característico do falar rural brasileiro. Em seus estudos, afirmou que as palavras terminadas em al, el, il..., que freqüentemente apareciam apocopadas: má, só, jorná = mal, sol, jornal, eram uma pronúncia mais comum entre negros.

1. Alguns estudos lexicais da primeira metade do século XX

Para este estudo foram analisadas as obras de Amaral (1920), Nascentes (1922) e Marroquim (1934). No campo da lexicologia, Amaral (1920, p. 64) registra que a maior parte dos vocábulos africanos existentes no dialeto caipira não são aquisições próprias e cita alguns exemplos:

Angu	Cacunda	Macóta	Quingengue
Banguela	Carimbo	Malungo	Quisília
Batuque	Caximbo	Mandinga	Samba
Binga	Cuxilo	Missanga	Sanzala
Cachaça	Lundu	Quilombo	Urucungo

O que Amaral quis dizer com “aquisição própria”? Que as palavras não foram transmitidas diretamente dos africanos para os caipiras paulistas? Que esses vocábulos fazem parte dos diversos dialetos falados no Brasil e não só do dialeto caipira?

Na seqüência, o autor cita ainda alguns vocábulos que denomina de provincianismos brasileiros de origem africana, introduzidos no falar das cidades e na linguagem literária, principalmente na região Norte, mas que, segundo Amaral, não penetraram no dialeto caipira. São eles:

Cangerê	Cacimba	Candomblê	Giló	Munguzá	Quingombô
---------	---------	-----------	------	---------	-----------

Paulo Duarte (1976), mais tarde, fez algumas colocações a respeito do estudo de Amaral, sobre o que ele chamou de “erros de observação”. Um deles foi quando Amaral citou o vocábulo *jiló* como um termo africano, e que o autor salienta tratar-se de um termo corrente em São Paulo, e até fazer parte do folclore brasileiro.

Voltando ao *Dialeto Caipira*, Amaral dedica boa parte de sua obra ao Léxico incluindo os vocábulos usados entre os roceiros, ou caipiras, e a muitas dessas lexias atribui

uma possível origem africana. A título de ilustração, citam-se os exemplos abaixo, salientando-se as observações de Amaral em itálico:

BANZÁ(R), v. intr. – pensar aparvalhadamente em qualquer caso impressionante. Pouco usado. / É port. – Paiva incluiu-o nas “Infermid.”, sem explicar o sentido. *Dir-se-ia simples corrupção africana (ou feita ao jeito do linguajar dos pretos) do verbo **pensar**. Mas, querem doutos que seja voz proveniente do quimbundo “cubanza”. – Aqui, não ocorre jamais ouvir-se o subst. “banzo”.*

BATUQUE, s. m. – dança de pretos; pândega, folia (em sentido depreciativo): “Na sala grande, o cururu; na salinha de fora, os “modistas” contadores de façanha; e, no terreiro, o *batuque* da negrada e o samba dos cablocos”. (Cornélio Pires) “Dança de pretos. Formam roda de sessenta e mais pessoas, que cantam em cântico os últimos versos do “cantador”, e ao som dos “tambus” requebram e saltam homens e mulheres, dando violentas umbigadas uns contra os outros. (C.P.,”Musa Caipira”). / *Segundo Monsenhor Sebastião Rodolfo Dalgado, o termo nada tem com bater, mas é africano, provavelmente do ladim “batchuque”, tambor, baile. Na Índia, para onde o vocábulo passou, diz o mesmo Mons. Dalg., ele é sinônimo de “gumate”, instrumento de música.*

BINGA, s. f. – isqueiro de chifre: “Enrola o cigarro, amarra-lhe uma palhinha para que não desaperte, bate a *binga*, e acende-o vagarosamente”. (Adão Soares) / Na Bahia significa simplesmente chifre, segundo Visc. de Beaurepaire-Rohan. *Atribui-se-lhe o étimo “mbinga”, chifre, do bundo.*

BUZO, búzio, s. m. – jogo de azar, em que fazem as vezes de dados, pequenas conchas ou grãos de milho.

CAÇULA, s. m. – o filho mais novo. / Visc. de Beaurepaire-Rohan registra “cassula” e “cassulé”. Citando Capello e Ivens, *atribui ao termo origem africana*.

CACUNDA, s. f. – costas: “... e ela se pohnou outra vez de *cacunda*, que é como dormia quase que a noite inteirinha”. (Valdomiro Silveira). – “Para dôr de peito que responde na *cacunda*, cataplasma de jasmim de cachorro é porrete. (Monteiro Lobato). / *Origem africana, como querem alguns*, ou simples corrup. de **corcunda**, passando por **carcunda**, como querem outros?

CAPANGA, s. m. – indivíduo assalariado para guarda e defesa de alguém; “guarda-costas”. / *Em bundo*, “*kapanga*” é uma loc. adv.: no sovaco. Talvez se dissesse, nesse idioma, do indivíduo forte e valente, que “tinha cabelo no sovaco”, como se diz ainda hoje, na roça, que “tem cabêlo na apá”, isto é, na pá, que é justamente a parte do ombro correspondente à axila.

Paulo Duarte (1976) considera que Amadeu Amaral se enganou ao dizer que “apá” seria a parte do ombro correspondente à axila, pois “apá” corresponde à omoplata.

CAPENGA, q. – cambaio, de perna torta. / *Talvez de origem africana*. Cp. os brasileirismos *pengó*, *capiangar*, *caxingó*.

CARURÚ, s. m. – Nome de várias espécies de ervas, algumas comestíveis. / Na Bahia, mistura de ervas, quiabos, camarões ou peixe, etc. / Tupi? *Africano?*

CUXILÁ(R), v. i. – cabecear com sono; “passar pelo sono”, dormir um pouco e de leve; descuidar-se. / Costuma-se escrever, aportuguesadamente, “cochilar” e “cochilo”, mas o povo desconhece em absoluto essa pronúncia. – *Origem africana?* Ou simples alteração de **acutilar**, por alusão aos movimentos bruscos de cabeça, feitos por quem

cuxila sentado? Com o mesmo sentido de “cabecear com sono” que se emprega às vezes, por graça, *pescar*.

FUBÁ, s. m. – farinha de arroz ou de milho cru, com que se fazem várias papas, bolos e outra confecções culinárias. / *É termo africano*. (Visc. de Beaurepaire-Rohan).

GUANDÚ, s. m. – usado em oposição com o termo “feijão” (*fejão-guandú*) para designar um arbusto da família das Leguminosas, que produz uma ervilha apreciada. / *Parece termo africano*. No Rio, segundo Visc. de Beaurepaire-Rohan, chama-se “quando” à vagem e “guandeiro” à planta. Em Pernambuco, segundo Rodolfo Garcia, ao nosso *fejão-guandú* corresponde “*cuandú*”, também chamado “ervilha de Angola”.

GUNGUNÁ(R), v. t. e i. – rosnar, resmungar. / *Africanismo?*

INHAME, s. m. - designa plantas semelhantes à taióva, e a própria taióva. / Há quem o pretenda identificar com *café*, mas, em São Paulo, são coisas bem distintas. Encontra-se na carta de Caminha: “... e que lhes davam de comer daquela vianda que elles tijnam, saber mujto **jnhame**, e outras sementes que na terra há, quer eles comem”. – *Africanismo?*

INQUIZILÁ(R), v. t. – encolerizar, aborrecer: “Aquêlê negócio me *inquizilô* de tar geito, que nem quero que me falem nele”. / De **quizilia**, ou, melhor, **quizila**, do *africanismo* “*quigila*” = repugnância, antipatia. – Em Portugal há **quizilar**, que é absolutamente desconhecido do nosso povo.

MACÓTA, q. – grande, forte, excelente, importante: “Seu coroné Tinoco é macóta aqui na terra”. –

*Na sala o cururu e, no terreiro,
o samba ferverá, samba macóta,*

entre os sons da viola e do pandeiro.
(Cornélio Pires)

Trata-se de termo *bundo*, com que os pretos designam o conselheiro do soba.

MALUNGO, s. m. – amigo, camarada: “O preto Tibúrcio era *malungo* dos Pereiras”. / Segundo Visc. de Beaurepaire-Rohan, era o nome que os escravos africanos davam aos que tinham vindo com eles na mesma embarcação.

MANDINGA, s. f. – feitiçaria: “Foi êle que botô *mandinga* na sua casa por orde do vendêro novo da incruziada do Sapupema...” (Cornélio Pires). / **Mandinga** designava a região da África ocidental que compreende os povos da margem do Niger, Senegal e Gambia. Acha-se em Camões.

MARIA-CONDÊ, s. f. – designa um brinquedo de crianças. / No Rio Grande do Sul, “Maria-mucumbé”; no Rio, “Maria-mocangué”. Em Goiás, Hugo de Carvalho Ramos colheu “Maria- longuê” num estribilho de “congado”. É muito possível que, se não o brinquedo, ao menos a palavra tenha ligação com esse brinquedo de pretos.

MUCAMA, s. f. – escrava que, antigamente, se empregava em serviços domésticos. / Era vulgar, no país, a forma “mucamba”; em Pernambuco, segundo Visc. de Beaurepaire-Rohan, “mumbanda”. Do tupi “mocambuara”= ama de leite? Ou ligado ao bundo “mim’banda”=mulher?

MURUNDÚ, s. m. – montão de coisas. / Alteração do bundo “mulundu”, monte.

PIRÃO, s. m. – papas de farinha de mandioca. / Dão-lhe origem tupi em “ypirô”. Mas, segundo, Capelo e Ivens, citados por Visc. de Beaurepaire-Rohan, é corrente na África ocidental.

POMBEÁ(R), v. t. – espiar, espreitar, vigiar de longe. / Usa-se no Rio Grande do Sul e em Pernambuco sob a forma “bombear”, e assim também corre nas repúblicas espanholas da América do Sul. – Talvez do bundo “pombe”, mensageiro.

PUÍTA, s. f. – instrumento músico, constante de um cilindro com uma das bocas fechada por um couro, em cujo centro está fixada uma vareta, que se puxa e fricciona com a mão cerrada. / Africanismo.

QUIBÉBE, s. m. – abóbora pisada e cozida. / Africanismo.

QUILOMBO, s. m. – nome que se dava às habitações de escravos fugidos, situadas em lugares ermos e distantes. / O mesmo que “mocambo”, desusado em São Paulo. É termo bundo, significando acampamento. (Capêlo e Ivens, cit. por Visc. de Beaurepaire-Rohan). – Nas repúblicas hispânicas da América do Sul, também é, ou foi já usado como sinônimo de “conventilho”.

QUINGENGUE, s. m. – espécie de tambor grosseiro, que se usa nas festas e danças. / Diz Cornélio Pires no glossário da sua “Musa”: “semelhante ao *tambu* tendo interiça a metade do volume”. – Africanismo.

QUITANDA, s. f. – designa coletivamente os doces, broas, biscoitos, ou frutas e legumes expostos à venda, geralmente em tabuleiros, pelas ruas. / Modernamente, nas cidades, designa também pequenas casas de comércio de frutas e verduras; mas isto já não é dialeto caipira. – O vocábulo é bundo, segundo Gonçalves Viana, e veio-nos de Portugal, onde também é corrente com acepção ligeiramente diversa. – É curioso observar que há em port. o termo **quintalada**, que, em Gil Vicente, parece ter a mesma significação brasileira de “quitanda”.

*Vendo dessa marmelada,
E às vezes grãos torrados,*

*Isto não releva nada;
Entra a minha quilantada.
("Auto da Feira")*

SANZALA, *senzala*, s. m. – habitação dos escravos nas antigas fazendas. / A forma popular é a primeira; a segunda é preferida pela gente que se preza de bem-falante. – Do bundo, onde significa pequena reunião de casas, aldeiola.

SUNGAR(R), v. t. - puxar, suspender: “A moça *sungô* o vistido pra riba, e correu”. / Segundo Capêlo e Ivens, citados por Visc. de Beaurepaire-Rohan, do bundo “cusunga”, puxar.

URUCUNGO, s. m. - instrumento músico usado por pretos africanos: consiste num fio qualquer, esticado num arco, à maneira de arco de seta, com uma cabaça numa das extremidades, servindo de caixa de ressonância. Sobre esse fio o executante bate a compasso com uma pequena vara. Termo africano.

Essas trinta e uma palavras selecionadas recebem de Amaral um tratamento interessante no que se refere à etimologia, que se pode resumir no quadro abaixo:

Termo africano	Bundo	Tupi? Africano?	Português	Quimbundo
Batuque	Binga	Caruru	Banzar (?)	Banzar (?)
Caçula	Capanga	Mucama (?)	Cuxilar(?)	Quilombo
Cacunda	Macota	Pirão (?)		
Capenga	Mucama (?)			

Cuxilar (?)	Murundu			
Fubá	Pombear (?)			
Guandu	Quibebe			
Gungunar	Quitanda			
Inhame	Sanzala			
Inquizilar	Sungar			
Malungo				
Mandinga				
Pirão (?)				
Puíta				
Quingengue				
Urucungo				

Neste quadro, pode-se observar que Amaral prefere considerar genericamente o termo selecionado como *africano* ou *africanismo* uma vez que os estudos sobre a influência das línguas de base africana sobre o português ainda eram incipientes no Brasil, no início do século XX. O segundo grupo, termos procedentes do bundo, traz duas palavras que o autor coloca sob dúvida: *mucama* que pode ser também de origem tupi; e *pombear* que é questionada, mas sem referência a outra possível etimologia. Inclui nas etimologias duvidosas *cuxilar* e *banzar*. A primeira seria, genericamente, de base africana e a segunda, mais especificamente, seria do quimbundo.

Quanto aos campos semânticos a que pertence cada um dos vocábulos, verifica-se a predominância da culinária e alimentação (caruru, inhame, pirão, fubá, guandu).

Outros, no entanto, estão contemplados como do campo da música e dança (puíta, batuque, quingengue, urucungo); convívio e comportamento social (inquizar, gungunar, quilombo, cuxilar); corpo humano, doenças, defeitos (capenga, cacunda).

A segunda obra analisada, *O linguajar carioca*, de Antenor Nascentes (1922), também se refere às possíveis influências que esse linguajar recebeu dos negros oriundos da África. Segundo o autor, o l palatalizado / ɫ / constituía uma dificuldade para a classe inculta por uma questão etnográfica, porque, por exemplo, o elemento índio e o elemento negro não possuíam esse fonema em suas línguas. Essa dificuldade era evitada com a supressão do elemento vibrante (ou lateral), ficando só a semiconsoante, que em alguns casos cooperou na palatalização: navaia/navalha; véia/velha, fio/filho, etc. Outro fenômeno fonético diz respeito à apócope da vibrante em final de formas verbais. No entanto, em Portugal ocorria a apócope nesse mesmo contexto, como em lavá/lavar, trabalhá/trabalhar, e no Brasil e na América espanhola isso era atribuído ao negro. Nascentes, porém, não expressa opinião sobre o assunto.

Acreditava que não era influência do negro a troca do l pelo r (como acontece em flor/ fror, etc), porque justamente o negro tinha dificuldade em pronunciar o r brasileiro, acabando por fazer o processo contrário: trocar o r pelo l, ou desfazendo o encontro consonantal, como em flor/folor, claro/calalo. E ainda assim, não há nenhum caso de alteração de grupos de consoante + l no português da África.

Nascentes afirma que o melhor era que se admitisse logo que as influências do negro e do índio foram gerais, e que os colonizadores, aqui chegando, ganharam um pouco de nossa brasilidade, acabando por se desfazer de qualquer resquício da cadência lusitana, produzindo, assim, uma cadência brasileira.

A terceira obra consultada, diz respeito ao falar de Alagoas e Pernambuco, coletado e analisado por Marroquim (1934). Para o lingüista, a variedade dialetal do Nordeste tem três origens: o português arcaico, a derivação e a composição dialetais, e a contribuição estrangeira. O tupi e as línguas africanas, com sua enorme contribuição em termos que dizem respeito a vários campos semânticos, ajudam a preencher esse quadro dialetal. Segundo o autor, a tematologia (parte da morfologia em que se estuda a constituição das formas específicas ou temas de cada uma das classes gramaticais que entram no discurso e que foram classificadas pela lexicologia) encontra nessas línguas sua grande fonte, uma vez que o elemento indígena brasileiro e o elemento escravo, este vindo em grandes massas da África, tenham deixado na língua da região pedaços de seu vocabulário. “É a afirmação eterna de sua passagem. A lembrança da espoliação de uns e do sacrifício de outros”. (MARROQUIM, 1934, p. 113)

Se se considerar o número de vocábulos citados, pode-se afirmar que a influência indígena parece ter sido maior que a influência africana. Mas é também numerosa a contribuição africana para a língua do Nordeste. Marroquim diz que, com a vida presa à dependência do engenho, pela própria condição social, os negros não podiam ligar sua língua à nomenclatura geográfica, mas que, quando o desejo pela liberdade reuniu os negros na república de Palmares, numa demonstração de posse, surgiu na região, em termos geográficos, a nomenclatura africana denominando montes, cursos d’água e aldeias.

São topônimos de origem africana:

Lunga, serra ao noroeste de Anadia, e riacho que nasce na mesma serra, desaguando na margem esquerda do rio Coruripe.

Cafuchi, serra entre União, Murici e Viçosa. (*Cafuchy* é dado pelo dr. João Severino como tupi - *caa-fuchy mato feio*; o dr. Alfredo Brandão trouxe um aspecto novo para o estudo da guerra dos Palmares, valendo-se de documentos históricos, e atribui, no seu livro “Viçosa de Alagoas”, o nome da serra ao irmão de Zumbi, o chefe negro de Cafuche, que ali teve o seu quilombo. Quifuchi, em língua africana significa *reino, domínio* e daí pode ter vindo também o nome da serra).

Sabalangá, povoado junto a Viçosa, no caminho da serra de Dois Irmãos. (Sabalangá ou Salabangá como já se chamou e o povo ainda por vezes chama, /cf. caçarola e caçalora, ciroula e ciloura/ é composto de *Zala* - residência, agrupamento de casas - e *Banga* - nome do monte em que estava o quilombo, último reduto dos negros e onde os combatia, em 1692, Domingos Jorge Velho. Esse monte tudo faz supor que seja a Serra de Dois Irmãos e o povoado de Sabalanga, o próprio reduto de negros).

Gurungumba e *Quizanga*, riachos que passam perto de Sabalangá.

Luango, engenho no município de Viçosa.

Cafuba, nome de um trecho da serra de Dois Irmãos. Cafuba foi um dos cabos de guerra de Zumbi.

Canisa e *Cabiló*, riachos no município de Viçosa.

Zanzo, charco na serra de Dois Irmãos.

Todos esses acidentes geográficos estão situados na zona onde os negros do quilombo de Palmares viveram sua liberdade por várias décadas.

Marroquim cita muitas outras palavras africanas que entraram no vocabulário da língua representando desde utensílios a objetos e coisas africanas, e que depois, não pela vontade do negro, passaram a batizar acidentes geográficos por qualquer outra circunstância.

São elas: *Macaco, Cacimba, Cacimbinha, Cabaço, Bangüê, Banana, Cachimbo, Lumbi, Quilombo, Mulungu, Moleque, Mucambo, Bugiganga, Caxambu, Caxito, Jiló, João-Congo, Marimbondo, Quiabos, Tapa-Cacimba, Quebra-Bunda* e muitas outras.

No nível fonético, o dialetólogo nordestino relata que era atribuída ao negro a nossa tendência a assimilar o grupo –nd > nn > n, como ocorre nas formas do gerúndio: *correno, ficano, quano*, em vez de, *correndo, ficando e quando*. Marroquim, porém, não acreditava nisso, pois, o negro poderia ter sentido dificuldade na pronúncia desse grupo e assim, como o resto da população, pela lei do menor esforço, tê-lo simplificado. Cita que, no grupo dialetal aquilano-umbro-romano, dá-se o mesmo fenômeno sem que ninguém suspeite que seja influência africana.

Dentre os nomes próprios, antropônimos, o autor trata do apelido *Zumba*, que era muito comum no Nordeste, era um contágio da língua africana. Era algo como um hipocorístico (vocábulo familiar de tratamento) de José, ao lado de Zé, Zezinho, Zeca, Zezé, Zequinha, Dedé, e o menos comum, Zequito. *Zumba* era, entre os negros, senhor, chefe.

Ganazumba era o rei preto. *Zumbi* era o nome de seu sobrinho e grande chefe também, que levou a resistência até a morte.

Observa-se um cuidado muito grande de Marroquim ao analisar a influência dos falares ou línguas africanas no nível do léxico. Para isso faz uma listagem numerosa dos substantivos comuns, e alguns próprios, num total de cento e dez lexias, apresentando-os como termos freqüentes no Nordeste, recebidos dos negros. Dessa relação, constam tanto nomes da culinária e alimentação (aluá, fubá, angu, dendê, quiabo, quibebe, inhame), como de outros campos semânticos, como música e manifestações culturais (bатуque, berimbau, carimbó, ginga, marimba, maxixe), manifestações religiosas (Nagô, Ogum, capeta), convívio e comportamento social (banzé, cafuné, fuzuê, muxoxo, mulambo), fauna (calango, camundongo, gongá, gorila, orangotango), entre outros. O autor, entretanto, não arrisca a separação dos vocábulos pela origem, tratando-os indistintamente como africanismos. Segue a listagem de Marroquim:

Aluá	Dendê	Mucama
Angola	Dengue	Mucambo
Angu	Farrambamba	Mulambo
Anguzô	Fubá	Mulungu
Bangüê	Fuzuê	Muganga
Bатуque	Gaforinha	Muxoxo
Bengo	Ganga	Nagô
Banzé	Ganzá	Ogum
Birimbau	Garapa	Orangotango
Budum	Ginga	Patuá

Bunda	Gongá (sabiá)	Pendanga
Cabinda	Gorila	Pito
Cachaça	Guiné	Pituim
Cachimbo	Iaia	Quanga
Caçua	Inganja	Quiabo
Cafanga	Inhame	Quibebe
Cafifa	Ioiô	Quilombo
Cafua	Jiló	Quingombô
Cafuné	Liamba	Quinguingu
Calango	Lomba	Quisila
Calundu	Lundu	Quitanda
Calunga	Macacoa	Quitute
Cambada	Maconha	Samba
Camondongo	Mafumbo	Senzala
Candomblé	Mandinga	Soba
Candongá	Mangolo	Tanga
Canjerê	Manguzá	Titica
Canzenze	Maracatu	Tutu
Capeta	Maracaxa	Vatapá
Carimbó	Marimba	Xangô
Caxerenguengue	Maxixe	Xibute
Caxinguelê	Missanga	Xuxu

Chicana	Moamba	Zabumba
Chimpanzé	Moçambique	Zagaia
Coringa	Moleque	Zumbi
Cubata	Mondrongo	Zuna
Cuxilo	Moxinifada	

A listagem apresentada por Marroquim é bem mais numerosa do que a de Amaral (1920), o que permite deduzir que a influência negra na língua portuguesa foi mais significativa no Nordeste do que no interior de São Paulo. Essa hipótese será testada em estudos posteriores, usando outros Atlas, como o de Minas Gerais e o do Paraná, por não haver ainda um Atlas de São Paulo. Dados do futuro Atlas Lingüístico do Brasil – ALiB – trarão, com certeza, informações seguras sobre a presença e vitalidade de formas oriundas das mais diversas línguas africanas que contribuíram para a formação do português falado no Brasil.

Além dos substantivos relacionados acima, o dialetólogo apresenta uma série de adjetivos de base africana, igualmente sem identificar à qual língua africana se refere cada um.

Aça	Cambaio	Fulo
Bamba	Cangulo	Granganzá
Banguelo	Capiongo	Ingangento
Bocó	Cassange	Macambúcio
Buzuntão	Cutuba	Mangangá (principal, grande)

Caçula	Dunga	Manzanza
Cafuçu	Fiota	Zoró

Outra observação de Marroquim diz respeito à prosódia africana dos pronomes de tratamento, *sinhá* e *sinhô* que passaram a *siá* e *siô*. A forma de tratamento *siá* fez surgir a forma *sía*, que era considerada vulgar, ao lado de *sá*. *Sía* fez surgir, talvez, *seu*, por ser o seu correspondente masculino, influenciado pelo possessivo. Segue aqui a evolução das duas palavras de acordo com Marroquim (1934, p. 151)

Sinhô	Sinhá
Siô	Siá e Sía
Seu	Sá

“Eu seio como é... Siá Gabriela não quer graças não!”

(Mário Sette – O Vigia da Casa Grande, pág. 87)

loiô e *laiá*, que são formas de *sinhô* e *sinhá*, deturpadas pelos africanos, passaram a ser usadas como apelidos familiares.

Uma vez apresentada esta vista panorâmica sobre os principais estudos dialetológicos da primeira metade do século XX, que tratam da influência africana na constituição do português brasileiro, buscou-se verificar como estavam esses estudos no final do século XX e início do XXI e para isso selecionou-se a obra de Castro (2001).

2. Observações sobre estudos mais recentes da contribuição africana sobre a língua portuguesa do Brasil

Yeda Pessoa de Castro, doutora em línguas africanas, com vários trabalhos publicados sobre o assunto, é autora de *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*, considerado o livro mais completo já escrito sobre as influências das línguas africanas no português do Brasil. Esta obra é o resultado de 40 anos de estudos na Bahia, na República Democrática do Congo (ex-Zaire) e na Nigéria.

A autora (2002, p. 39) relata que os povos africanos, trazidos para o Brasil ao longo de quatro séculos, procediam de duas regiões subsaarianas: (i) o domínio banto, englobando, entre outros, Camarões, Gabão, Congo, Angola, Namíbia, África do Sul, Botsuana, Uganda, Moçambique, Tanzânia, Zimbábue; (ii) a África Ocidental, que vai do Senegal à Nigéria.

Sobre as línguas do domínio banto, a autora afirma que existem várias e complexas classificações, mas que *nesse emaranhado de línguas, foram relativamente importantes sobre outras, no Brasil, três línguas litorâneas – umbundo, quimbundo (Angola) e quicongo (Angola e Congo-Brazzaville)* (Castro: 2002, p. 42-43).

Na obra de 2001, Castro apresenta um vocabulário afro-brasileiro riquíssimo, com palavras que têm origem em idiomas bantos, em línguas como: quicongo (kikongo, kikoongo/ língua falada pelos bacongos); quimbundo (kimbundo/ língua falada pelos ambundos); e umbundo (língua falada pelos ovimbundos).

As investigações dessa pesquisadora partiram das manifestações folclóricas e dos falares africanos correntes na região. Afirma que se encontram aportes lexicais

tanto antigos - que entraram para o domínio da língua portuguesa no período colonial e que já estão totalmente integrados ao sistema lingüístico do português – como os contemporâneos - que ainda estão em processo de trânsito contínuo para o português.

A autora relaciona como **antigos**, aqueles:

- Associados ao regime de escravidão: banzo, mucama, viramundo.

- Introduzidos por elementos novos:

- Fauna: acanga, caçote, calunga, caranguji.
- Flora: andu, dendê, moranga, maxixe, jiló.
- Alimentação (comidas e bebidas): mungunzá, moqueca, aluá, cachaça.
- Casa, habitação, família: cafua, cubata, senzala, babá.
- Doenças: caxumba, tunga.
- Usos e costumes: cafuné, cochilo, calundu, dengo.
- Religião, candomblé: macumba, inquice, orixá, Zambi, Oxóssi, Exu, peji.
- Crenças e superstições: quizila, tutu, zumbi, mandu.
- Objetos fabricados: quibando, munzuá, muxinga, moringue, caçamba.
- Instrumentos musicais: timbau, marimba, cuíca, berimbau, agogô.
- Recreação: samba, maxixe, lundu.
- Ornamentos e vestes: miçanga, balagandã, tanga, canga.
- Referentes ao corpo e funções de comportamento, equivalentes a gírias, porém considerados chulos e imorais: cabaço (hímen), binga (pênis), tabaco (vulva), languenza (clitóris), toba (ânus), xibungo (pederasta) e mengá (copular).

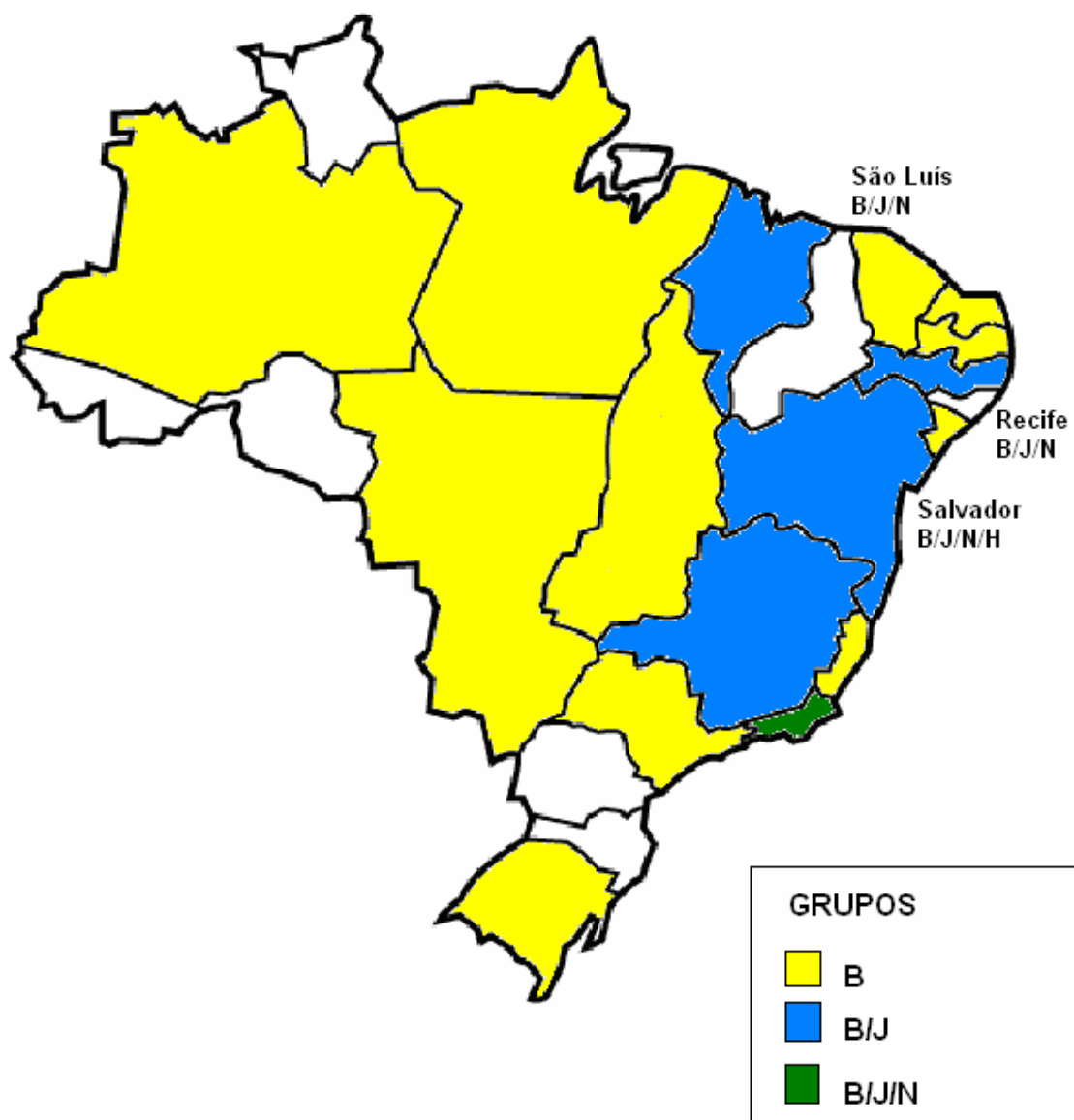
Dentre os **contemporâneos**, a maioria diz respeito ao candomblé. Podemos citar como exemplo a palavra *axé*, que atravessou os limites do terreiro para ser um termo popular, o qual significa uma saudação equivalente a *amém, boa sorte*, e também para denominar um estilo musical *axé music*.

Castro (2001, p. 120 - 121) defende ainda que a influência de línguas negro-africanas no português do Brasil não se limitou aos aportes de vocabulário, pois a grande resistência que se teve no processo de integração dos diferentes povos africanos no Brasil durante a escravidão é decorrente de fatores históricos, sociais e econômicos, e não devido à superioridade de uma determinada cultura sobre outra. A presença do povo banto foi marcante e constante em todas as regiões do Brasil onde se exigiu mão-de-obra escrava, em consequência do que a contribuição banta é menos aparente por estar mais integrada ao processo de síntese pluricultural brasileiro. Para a autora, o negro banto, mais do que outros, se constitui no principal agente modelador da língua portuguesa e seu difusor pelo território brasileiro sob o regime colonial e escravista.

Dada a importância dos estudos dessa pesquisadora, suas obras vão servir de fonte de informações e de comparação de todo trabalho que se desenvolver no presente projeto.

Castro (2001, p. 47) apresenta, também, um esboço de mapa etnológico africano, com os grupos banto (B), jeje-mina (J), nagô-iorubá (N) e hauçá (H), e onde se deu sua introdução no país.

ESBOÇO DE MAPA ETNOLÓGICO AFRICANO NO BRASIL



ATIVIDADE PRINCIPAL	Século de introdução maçica			
	XVI	XVII	XVIII	XIX
Agricultura	B	B/J	B/J/N	B/J/N
Mineração			B/J	
Serviços Urbanos				B/J/N/H

A propósito desse mapa, observa-se que os africanos do grupo banto, além de mais numerosos, foram os que se espalharam por todas as regiões brasileiras, enquanto os jeje-mina se concentraram no Ceará, Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, ao lado dos banto; e no Rio de Janeiro, ao lado também dos nagô-iorubá. Pode-se afirmar, portanto, que a contribuição do banto foi mais significativa que a dos três outros grupos. Uma vez analisada a obra de Castro (2001), considerou-se interessante buscar os registros africanos nos Atlas publicados. Para isso, iniciou-se o estudo a partir dos dois primeiros: o *Atlas prévio dos falares baianos* – APFB - (Rossi: 1963) e do *Atlas lingüístico de Sergipe* – ALSE - (Ferreira *et alii*: 1987). Observa-se que o ALS, apesar da data de publicação tardia, já estava concluído em inícios de 1970, razão pela qual o consideramos neste estudo como o segundo publicado.

3. Os atlas lingüísticos da Bahia e de Sergipe: em busca do léxico de base africana

A propósito desse estudo, como citado acima, foram pesquisados os atlas da Bahia - Atlas Prévio dos Falares Baianos-APFB (Rossi: 1963) e de Sergipe - Atlas Lingüístico de Sergipe-ALSE - Ferreira *et alii*: 1987), para verificar a vitalidade de lexias de base africana e sua distribuição diatópica nas duas áreas geográficas. Silva Neto (1957, p. 37) define um atlas lingüístico como um conjunto de mapas em que se registram os traços fonéticos, lexicais e morfossintáticos característicos de uma língua num determinado âmbito geográfico. Os atlas podem ser fonte de vários estudos, mas o objetivo principal é apresentar um instantâneo dialetal de determinada área explorada,

podendo responder a indagação do como um certo conceito se manifesta em determinado lugar e época; oferecer vários cortes sincrônicos, uma vez que a distribuição geográfica das variantes registradas proporciona, em consequência, a reconstituição de áreas outrora vivas e hoje desaparecidas, submersas por outras camadas, e fornecer dados seguros para a descrição das variantes fonéticas, lexicais, prosódicas, morfossintáticas e pragmáticas de determinado espaço geográfico (SILVA NETO, p. 37). Seguem as informações básicas sobre o APFB e o ALSE.

3.1 Atlas Prévio dos Falares Baianos

O APFB, coordenado por Nelson Rossi, foi o primeiro atlas lingüístico publicado no Brasil. O *corpus* foi recolhido, *in loco*, em 50 localidades do estado da Bahia, das quais 13 foram sugeridas por Nascentes (1958). Embora possa parecer que o número de pontos de inquérito seja reduzido em relação à extensão do território pesquisado, o APFB já permite traçar algumas áreas lingüísticas no Estado da Bahia e coloca em evidência traços fonéticos, léxicos e semânticos de grande representatividade, tais como os citados por Mota (2005, p. 36-38).

Este atlas constitui-se de um conjunto de 209 cartas (198 cartas lingüísticas, das quais 44 são resumos de cartas fonéticas, e 11 cartas introdutórias que fornecem dados de caráter geral). O questionário constituiu-se, inicialmente, de 2.965 perguntas, mas foi aplicado um extrato de 184 questões a todos os informantes, posteriormente. Os informantes, dois por localidade, perfazem um total de 100, e foram selecionados aqueles naturais da localidade e filhos de pais da localidade, ligados a atividades rurais,

que tivessem tido pouco ou nenhum afastamento do local em que nasceram. As respostas foram distribuídas pelas localidades e numeradas de 1 a 50.

3.2 Atlas Lingüístico de Sergipe

Se se considerar a época de realização, o ALSE foi o segundo atlas elaborado no Brasil, logo após o APFB. Estava pronto para a impressão em 1973, mas, por falta de financiamento, só veio a ser publicado no ano de 1987, isto é, catorze anos depois. Este Atlas, assim como o APFB, foi coordenado por Nelson Rossi, o que não só garantiu a ambos os atlas uma forma de estruturação semelhante, mas também, em função disso, permite que se proceda à comparação dos dois falares com maior rigor científico. A rede de pontos foi composta por 15 localidades (7 delas sugeridas por Antenor Nascentes), numeradas de 51 a 65, no sentido sul-norte, em prosseguimento à numeração dos pontos da Bahia. Compõe-se de 171 cartas lingüísticas, sendo 12 duplas (Bahia-Sergipe). Seus informantes, assim como seus pais, são da própria localidade e se dedicavam, principalmente, à atividade agrícola.

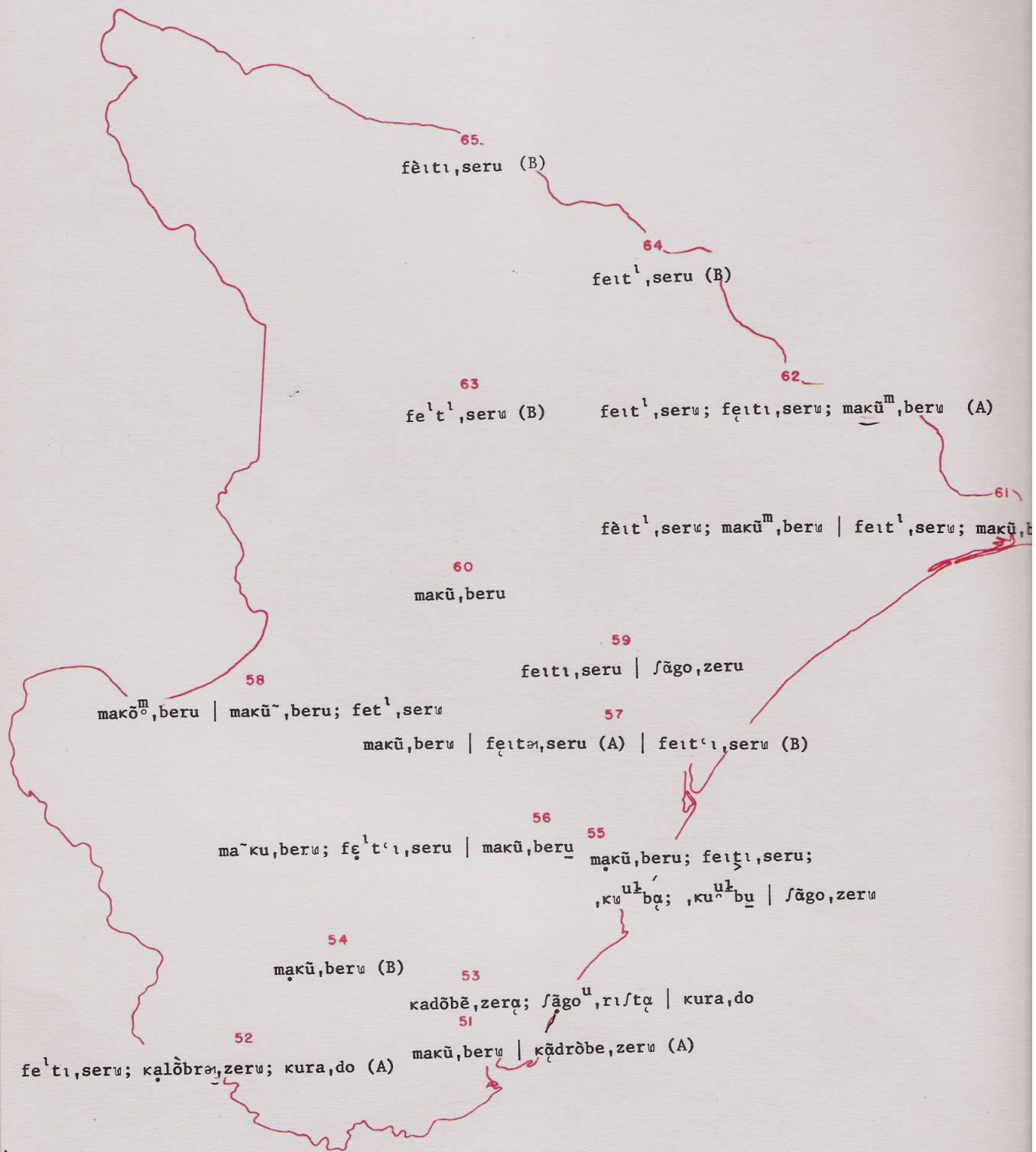
Considerando que a maior concentração de negros foi na Bahia, com irradiação para Sergipe, e que os negros escravos foram distribuídos para os campos e plantações de cana-de-açúcar, de fumo e de cacau, para os serviços domésticos urbanos e, posteriormente, para os serviços de mineração na zona diamantina, busca-se verificar nesses atlas a presença do léxico africano. Para tal, apresentam-se duas cartas lingüísticas, uma de cada Atlas estudado, procurando mostrar a influência das línguas africanas no léxico dos dois estados do Nordeste brasileiro. *Feiticeiro* foi o

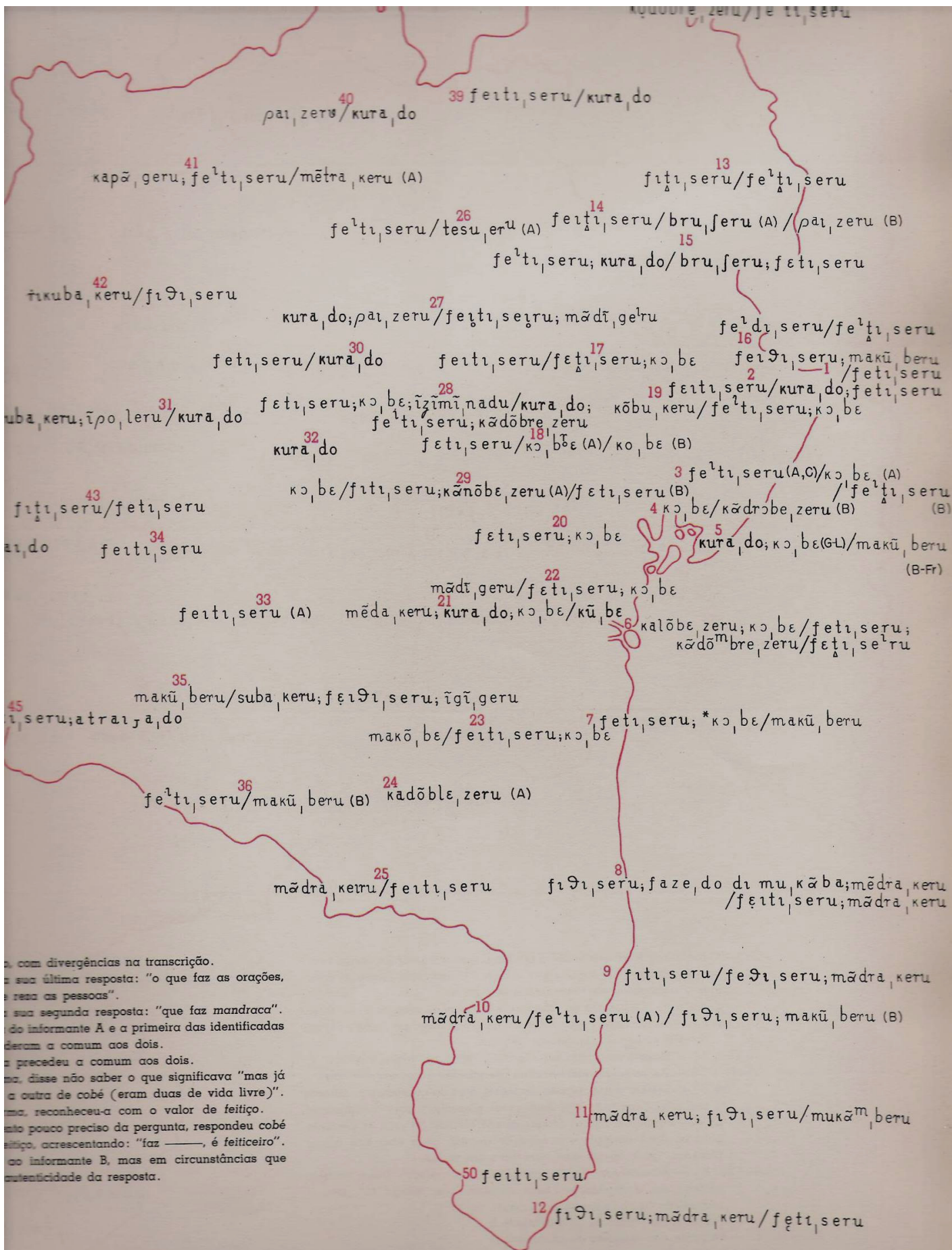
conceito escolhido para análise porque apresentou na carta 99 do APFB e na 106 do ALSE um total de sete variantes de base africana: *candomblezeiro*, *cobé*, *macumbeiro*, *mandingueiro*, *mandraqueiro*, *xangourista* e *xangozeiro*, todos de reconhecido étimo africano.

F E I T I C E I R O

APFB 99


|337|





a. com divergências na transcrição.
 e sua última resposta: "o que faz as orações,
 e reza as pessoas".
 e sua segunda resposta: "que faz mandraca".
 do informante A e a primeira das identificadas
 deram a comum aos dois.
 e precedeu a comum aos dois.
 ma, disse não saber o que significava "mas já
 a outra de cobé (eram duas de vida livre)".
 ma, reconheceu-a com o valor de feitiço.
 mo pouco preciso da pergunta, respondeu cobé
 feitiço, acrescentando: "faz —, é feiticero".
 do informante B, mas em circunstâncias que
 autenticidade da resposta.

A consulta a dois dicionários levou aos verbetes transcritos abaixo. Indica-se também a colocação dessas variantes nos espaços baiano e sergipano. Os pontos lingüísticos no APFB são indicados de 1 a 50 e os do ALSE vão de 51 a 65.

VARIANTES PARA FEITICEIRO	PONTOS	FERREIRA	HOUAISS
Candomblezeiro	4; 6; 24; 28; 29; 37 51;52;53	Expressão derivada de candomblé/Candomblé: [de origem africana]. Religião dos negros iorubás na Bahia. Macumba.	Expressão derivada de candomblé/ Candomblé: [orig. banta controversa; para Yeda Pessoa de Castro [fruto de longa evolução a partir do protobanto].* Religião animista, original das atuais Nigéria e Benim, trazida para o Brasil e aqui estabelecida, talvez já no início do séc. XIX, por africanos apresados pelo tráfico escravagista.
Cobé	3, 4, 5, 6, 7, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 19*, 31*, 35*, 42*	Não consta	Não consta
Macumbeiro	1; 5; 7; 10; 11; 35; 36; 38 51;54;55;56;57; 58;60;61;62	Praticante da macumba /Macumba: [do quimbundo  Por derivação, magia negra.	Chefe de terreiro de macumba. [macumba+eiro] Macumba: designação genérica dos cultos afro-brasileiros originários do nagô e que receberam influências de outras religiões africanas. [Cacciatore sugere o quimb. <i>ma</i> 'o que assusta' + <i>kumba</i> 'soar' (assustadoramente) ou o pref. pl. <i>ma</i> + <i>mba</i> 'sortilégio'; Nei Lopes aventa o quicg. <i>Makumba</i> / pref.pl. <i>ma</i> + <i>cumba</i> 'prodígio'; Antenor Nascentes e Jacques Raimundo a ligam ao quimb. <i>makumba</i> , pl. de <i>dikumba</i> 'cadeado, fechadura', pelas "cerimônias de fechamento de corpos".
Mandingueiro	22; 27	Que faz mandinga / Mandinga: [do top.	Feiticeiro africano. Primitivamente só de origem africana.

		Mandinga (África) Pertencente aos mandingas (eram tidos por grandes feiticeiros). Bruxaria.	[mandinga+eiro] Mandinga: [top. Manding.], por designar “terra de feiticeiros”. Ato ou efeito de mandingar; feitiço, feitiçaria.
Mandraqueiro	8; 9; 10; 11; 12; 21; 25	De [mandraca+eiro] / Mandraca: [de possível origem africana]. Bruxaria.	Mandingueiro. Mandraca + eiro. Mandraca: intervenção ou trabalho de bruxo; bruxaria, feitiçaria, mandinga. [Nascentes vê origem africana; Nei Lopes sugere o quimb. <i>ndaka</i> ‘maldição’]
Xangourista	53	[xangô+ rista] Xangô: [Do ioruba] Um dos orixás mais poderosos, relacionado com o raio e o fogo, e sincretizado freqüentemente com S. Jerônimo, Santa Bárbara, S. Miguel Arcanjo	[xangô+ rista] Xangô: [ioruba <i>xãgo</i>] -s.m. orixá ioruba dado como o quarto rei (lendário) de Oyo, na Nigéria, cuja epifania são os raios e os trovões [doze qualidades desse orixá são referidas nós candomblés nagôs de Salvador].
Xangozeiro	55;59	[xangô+zeiro]	[xangô+zeiro]

Comparando-se as informações dadas nos verbetes dos dicionários acima (Ferreira e Houaiss) com os relacionados por Castro (2001), verifica-se que esta autora apresenta uma descrição bem mais detalhada das variantes selecionadas, indicando a região lingüística de maior produtividade, as várias acepções, as variantes fonéticas de que se reveste cada uma delas, as formas paronímicas e, o que é mais importante, a língua de origem e a correspondência em outras línguas africanas:

COBÉ: (banto) (BA) – adj. (precedido de feiticeiro) curandeiro, feiticeiro temível, implacável. Var. coubé. Kik. Kòbi.

CANDOMBLÉ: (banto)/(português do Brasil) – local de adoração e de práticas religiosas afro-brasileiras da Bahia; o culto ou o conjunto de crenças religiosas dedicadas a divindades africanas (santos); a cerimônia pública festiva; (pejorativo)

cerimônia de magia negra, de feitiçaria, macumba. Var. canombé. Cf. candombe, candombelê, canzuá, ilê-orixá.

Kik./Kimb./Umb. *kandombele* < *kulombela* < *lomba*, rezar, invocar, pedir pela intercessão dos deuses e local onde se realiza o culto.

CANDOMBLEZEIRO (a): (FB – formação brasileira): 1. (BA – falar corrente, regional e familiar da Bahia): sacerdote ou seguidor de candomblé + port. –zeira. Cf. pai-de-santo.

MACUMBEIRO (FB) (BA) feiticeiro, adepto de macumba. Em macumba, Castro informa tratar-se de palavra originária do banto, citando *makuba* em kikongo e kimbundo com o mesmo significado.

MANDINGUEIRO: (FB) (BR) –s.f. mandinguento, que faz ou pratica mandinga + Port. _eiro, _ento. No verbete *mandinga*, a autora indica a origem banta, citando *mazinga* no kikongo e kimbundo com o significado de complicar, de impedir também por feitiço.

MANDRAQUEIRO: (FB). Castro remete a *mandraque*, informando tratar-se de palavra do banto com a correspondente *mandóki* do kikongo.

XANGOZEIRO/XANGOURISTA: Derivados da palavra xangô./XANGÔ: (kwa) (povo-de-santo, comunidade religiosa afro-brasileira) –s. orixá dos raios e do trovão, rei-herói do povo iorubá, geralmente correspondente a São Jerônimo, é venerado nos meteoritos e machados de pedra que são colocados em um pilão de madeira esculpida (odô) a ele consagrado.

Analisando-se a distribuição diatópica das variantes acima relacionadas, associadas aos mesmos verbetes em Ferreira e Houaiss e comparando-os aos de Castro (2001), pode-se afirmar que:

Dentre as designações obtidas para *feiticeiro*, *cobé* aparece apenas no APFB, sendo a forma mais produtiva, ocorrendo em dezesseis dos 50 pontos, portanto em 32% do total das localidades. As formas com asterisco referem-se a *cobaqueiro*, provavelmente derivada de *cobé*, ao qual se acrescentou o sufixo –eiro indicativo de profissão. *Cobé* não está lexicalizado em Ferreira nem em Houaiss. Buscando em Castro (2002), encontra-se a lexia e a informação de tratar-se de palavra de origem banta, que encontra formas semelhantes no kikongo, kimbundo e umbundo.

A denominação *candomblezeiro* apresenta-se, nos Atlas, sob as variantes fonéticas: *cadomblezero* (ponto 24), *candróbezeiro* (ponto 4), *calombezeiro* (ponto 6), *candombrezeiro* (ponto 6), *cãnombezeiro* (ponto 29) e *codobrezeiro* (ponto 37) e, como se pode verificar, distribui-se, sobretudo, pelo litoral, em seis localidades, ou seja, em 12% do total de pontos da Bahia e em três pontos de Sergipe: *candróbezeiro* (ponto 51), *calombrezeiro* (ponto 52) e *cadombenzeira* (ponto 53), ou seja, em 20% do total de pontos da região. Ferreira atribui a *candomblezeiro*, genericamente, origem africana ao nome; Houaiss busca em Castro o respaldo para a atribuição da origem banta ao vocábulo e Castro, além da origem banta, registra formas semelhantes no kikongo, kimbundo e umbundo.

Para *macumbeiro*, segunda forma mais produtiva, presente em oito localidades baianas e nove sergipanas, Houaiss é mais detalhista que Ferreira, ao apresentar as acepções e abonações; ambos, no entanto, remetem à origem quimbunda, no que são confirmados por Castro (2001) que, por sua vez, complementa citando *makuba* em kikongo e kimbundo com o mesmo significado.

Quanto a *mandingueiro*, registrado em duas localidades apenas do APFB, Ferreira e Houaiss registram que se trata de palavra derivada do topônimo Mandinga (África) à qual se acrescentou o sufixo designativo de profissão – eiro. Castro, no verbete *mandinga*, é mais específica e indica a origem banta, citando *mazinga* no kikongo e kimbundo com o significado de complicar, de impedir também por feitiço.

Para *mandraqueiro*, Ferreira atribui uma possível origem africana e Houaiss recorre a Nascentes (origem africana) e a Nei Lopes que sugere o quimbundo *ndaka*. Castro, no entanto, afirma tratar-se de palavra do banto com a correspondente *mandóki* do kikongo.

Comparando-se em Ferreira e Houaiss, os verbetes do APFB e do ALSE, correspondentes a variantes para o conceito de feiticeiro (*candomblezeiro*, *cobé*, *macumbeiro*, *mandingueiro*, *mandraqueiro*, *xangourista* e *xangozeiro*), verifica-se que raramente se faz referência à língua africana que deu origem à forma vigente no português brasileiro. Castro, ao contrário, especialista em estudos africanos, é mais precisa, indicando a fonte de cada uma das palavras e suas correspondentes em outras línguas da África.

Em busca de uma conclusão, esta pesquisa teve como propósito verificar como dialetólogos, lexicógrafos e uma especialista em falares africanos tratam da influência dessas línguas no português do Brasil. Para tal, fez-se a leitura de Amaral (1920), Nascentes (1922) e Marroquim (1934) e constatou-se que a influência africana é maior nos falares nordestinos do que no carioca e paulista, segundo dados registrados nos vocabulários das respectivas obras. Constatou-se, igualmente, que a maioria das palavras é tratada por esses autores como *africanismo*, de forma genérica, sem

referência ao grupo de que provêm este ou aquele vocábulo. Num segundo momento, buscou-se a leitura de cartas dos Atlas da Bahia (APFB) e de Sergipe (ALSE), sobretudo aquelas que poderiam trazer variantes de base africana e, neste particular, verificou-se que ambos os atlas são pródigos em vocábulos do banto, quimbundo e quicongo. Selecionada uma carta semelhante a ambos os Atlas, sua análise indicou a produtividade de cada uma das variantes e o tratamento dado pelos lexicógrafos estudados. Os verbetes indicaram um tratamento genérico para a etimologia das palavras, principalmente em Ferreira. Castro (2001) demonstrou ser uma obra segura e adequada para o estudo do léxico do português do Brasil no que se refere a palavras procedentes das várias línguas africanas.

Referências Bibliográficas

AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). **A geolingüística no Brasil – caminhos e perspectivas**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 1998.

AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. 2.ed. São Paulo: HUCITEC/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976 [1920].

CASTRO, Yeda Pessoa de. **Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro**. Rio de Janeiro: Topbooks Editora. 2001.

CASTRO, Yeda Pessoa de. **A língua mina-jeje no Brasil: um falar africano em Ouro Preto do século XVIII**. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro; Secretaria de Estado da Cultura. 2002.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira. 1986.

FERREIRA, Carlota, MOTA, Jacyra, FREITAS, Judith, ANDRADE, Nadja, CARDOSO, Suzana, ROLLEMBERG, Vera, ROSSI, Nelson. **Atlas Lingüístico de Sergipe (ALS)**. Salvador: UFBA-FUNDESC, 1987.

Lisboa: Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa, 1987.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva. 2004.

MARROQUIM, Mário. **A língua do Nordeste**. 3. ed. Curitiba: HD Livros, 1996. [1934].

MOTA, Jacyra Andrade. A Dialectologia na Bahia. Em AGUILERA, V.A. **A geolingüística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina: EDUEL, 2005.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. 2. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953. [1922].

QUEIROZ, Robles. **História da escravidão no Brasil**, São Paulo: Editora Ática, 1987.

ROSSI, Nelson. **Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB)**. Rio de Janeiro: INL-MEC, 1963.

SILVA NETO, S. da. **História da língua portuguesa do Brasil**. 5 ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1988.